

IDEOLOGIA E PROPAGANDA, LÍNGUA E DIALOGISMO EM *A REVOLUÇÃO DOS BICHOS*

Páscoa Maria Pereira Duarte¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar aspectos discursivos e linguísticos do livro *A Revolução dos Bichos* de George Orwell, com base nas teorias de Gramsci e Bakhtin. Gramsci não foi um analista do discurso tampouco um teórico da linguagem, mas sua filosofia marxista e suas ideias sobre propaganda e ideologia influenciaram a análise do discurso. Bakhtin, por outro lado, abordou profundamente a questão da linguagem. Ele concebeu a língua à luz do materialismo dialético de Marx. Tais aspectos abordados por esses dois autores são muito evidentes no livro de George Orwell. Os porcos, personagens centrais do livro, utilizam um código semiótico (língua) para materializar uma ideologia socialista e sobrepujar os demais animais da fazenda. O discurso dos porcos dialoga com o de figuras históricas tais como Marx, Trotsky e Stálin. O enredo alegórico de *A Revolução dos bichos*, por ter aspectos linguísticos e discursivos bem evidentes, pode contribuir substancialmente para a compreensão das teorias de Gramsci e Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; ideologia; propaganda; língua; dialogismo.

¹ Graduação em Letras - Língua e Literatura Portuguesa (UFAM)

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze discursive and linguistic aspects of the book *Animal Farm* by George Orwell, based on the theories of Gramsci and Bakhtin. Gramsci was not a discourse analyst nor a theoretical language, but his Marxist philosophy and ideas about propaganda and ideology influenced the discourse analysis. Bakhtin, on the other hand, deep addressed the language. He conceived the language in the light of dialectical materialism of Marx. Such aspects addressed by these two authors are very evident in the book by George Orwell. Pigs, central characters of the book, use a semiotic code (language) to materialize a socialist ideology and overcome the other farm animals. Speaking of pigs dialogues with historical figures such as Marx, Trotsky and Stalin. The allegorical storyline of *Animal Farm*, by having very evident linguistic and discursive aspects, can contribute substantially to the understanding of the theories of Gramsci and Bakhtin.

KEYWORDS: discourse; ideology; propaganda; language; dialogism.

1. INTRODUÇÃO

A Revolução dos Bichos é uma fábula escrita por George Orwell no início do século XX, cujo enredo alegórico objetivava denunciar a crueldade do governo soviético. Este artigo procura explorar o livro com base nas concepções de Antonio Gramsci e Mikhail Bakhtin, pois os preceitos desses dois autores se encontram muito evidentes.

No início, um porco moribundo conhecido como velho Major conclamou todos os animais a livrar-se da condição precária e exploratória a que os humanos os submetiam na fazenda Granja do Solar. Formou-se uma nova ideologia chamada Animalismo, cujos preceitos eram alicerçados na ajuda mútua e na igualdade entre os animais. Dois porcos, Napoleão e Bola-de-Neve, lideraram a revolta e conseguiram, com dificuldade, depor seu dono, Sr. Jones.

O novo regime, inicialmente, atendia as premissas do animalismo. Os animais desfrutavam de rotinas menos onerosas e de comida farta. No entanto, o tempo passou, e Napoleão, fazendo uso da persuasão e da força, concentrou o poder e tornou-se um governante autoritário. Bola-de-Neve foi proscrito, e os outros animais (exceto os porcos) voltaram à rotina de trabalho pesada. No fim da fábula, Napoleão mostrou-se tão cruel quanto o antigo dono, Sr. Jones. A igualdade foi um momento passageiro.

Para explorar o livro, recorreu-se aos pensamentos de dois autores de concepções marxistas: Antonio Gramsci e Mikhail Bakhtin. Gramsci, filósofo italiano, nas obras *Os intelectuais e a organização da cultura* e *Concepção dialética da história*, trata da evolução dos blocos históricos, da formação de ideologias e dos meios de dominação ideológica. Bakhtin, teórico russo, nas obras

Marxismo e filosofia da linguagem e *Estética da criação verbal*, concebe a língua à luz do materialismo dialético, a língua como um produto ideológico por natureza e um indicador sensível das relações sociais.

Ambos os autores utilizam conceitos amplos como ideologia, discurso e enunciado, cuja definição nem sempre se mostra tão clara. Para melhor delimitação dessas ideias, recorreu-se às obras *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*, de Luciano Amaral e *Dicionário de linguística e enunciação*, de Valdir Flores do Nascimento.

2. GRAMSCI – IDEOLOGIA E PROPAGANDA

A ideologia em Gramsci está diretamente relacionada à concepção de mundo, isto é, a forma como o indivíduo ou a classe social em que está inserido interpreta e organiza-se no mundo. A arte, as leis, a economia e a educação revelam esta concepção, permitindo-nos descobrir qual a ideologia de dada sociedade. Nas palavras do autor, ideologia é “o significado mais alto de uma concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas”².

Sendo assim, é possível inferir que há diferentes ideologias que podem ser favoráveis para um grupo e desfavoráveis para outro, como por exemplo: a ideologia capitalista na teoria gramsciana é desvantajosa para os trabalhadores, no entanto, estes aceitam e contribuem para ela mesmo assim. Por quê? Por que cada pessoa ou classe não adota o que lhe seja favorável ou condizente com suas necessidades?³ Senso crítico, eis a chave e a falta. “O homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação”⁴. Por não ter consciência ou senso crítico adota simplesmente o que outro impõe.

Gramsci propõe que existem duas consciências teóricas, estas antecedem a ideologia, e ambas podem ser entre si contraditórias. Uma delas, a consciência implícita, está nas ações, no agir do indivíduo, que o une a todos semelhantes na “prática da realidade”. Esta concepção vem a ser o sistema no qual os indivíduos inseridos atuam conforme é proposto a eles. A segunda, a consciência explícita, está no plano verbal, herdada do passado, ou mesmo das experiências, do que lhe foi ensinado, sendo acolhida sem crítica ou questionamento. Para Gramsci (1995), esta concepção

² GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 16.

³ OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 21.

⁴ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 20.

possui maior força, pois tem o poder de ligar os indivíduos a grupos sociais determinados, agindo de forma intensa na vontade e na conduta moral, sendo capaz de produzir, através da contradição das consciências, passividade moral e política.

A compreensão crítica, contudo, pode ser alcançada através do contraste de modelos hegemônicos. As hegemonias, que para Gramsci equivalem a modelos políticos, são os moldes ideológicos que podem interferir na consciência teórica, e o senso crítico pode ser conquistado através do choque destas em linhas opostas. Em um processo de comparações hegemônicas, num percurso que se principia no âmbito ético, passa pelo político e atinge o nível mais alto, o de concepção do real. A partir disto, cria-se a consciência de um "fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política)"⁵ como fase inicial, e evolui para uma autoconsciência em que as consciências: implícita e explícita, respectivamente prática e teórica, fundem-se, concretizando uma concepção de mundo, sendo esta uma ideologia.

O processo de desenvolvimento, esse processo evolutivo das consciências, é de origem filosófica. Tal processo supera o senso comum, que é inferior à filosofia, e torna-se o senso crítico, anteriormente citado, mas que mesmo assim possui limites restritos no que concerne a pensamentos e novas abstrações a respeito. Para Gramsci, "Os intelectuais possuem um papel fundamental na construção e na manutenção de um bloco histórico."⁶ Um movimento, sendo novo ou já implantado, tem a premissa de assumir o controle ou manter sua vigência. E os intelectuais são os que irão atuar nas superestruturas, isto é, no conjunto de ideologias, fomentando a implantação de uma nova ou a permanência.

Os intelectuais agem direta ou indiretamente nas "instituições que controlam os meios de difusão de concepções de mundo": a Igreja, a escola e os meios de comunicação de massa que formam a chamada estrutura ideológica, "responsável pela difusão das ideologias das classes dominantes", possuindo assim um papel essencial para a implantação ou permanência de dado bloco histórico⁷.

Por fim, o consentimento e a coerção são os pilares que sustentam uma hegemonia. O consentimento é conquistado primordialmente pelo discurso, de maneira persuasiva, buscando a aceitação espontânea, e os meios de comunicação são essenciais nesse tocante. Pois, "como se

⁵ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 21.

⁶ OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 27.

⁷ OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 28.

sabe, a imprensa não publica fatos, mas, isto sim, a sua versão sobre os fatos.”⁸, sendo tudo uma questão de ponto de vista, do modo como é apresentado para convencer de que dada ideologia é a melhor, de que tudo o que a classe dominante faz é para o bem de todos. Quando não se consegue o consentimento é que parte-se para a coerção, isto é, para o uso da força.

2.1 IDEOLOGIA E PROPAGANDA EM A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

A Revolução dos Bichos é uma fábula escrita por George Orwell em que os animais tomam dos humanos o controle da “Granja do Solar” e instauram uma nova ideologia, o “Animalismo”, cujas premissas iniciais são:

OS SETE MANDAMENTOS

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupa.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará o outro animal.
7. Todos os animais são iguais.⁹

Com a manutenção do “poder”, percebem-se mudanças. Gramsci alerta que quando as finalidades são alcançadas, as premissas iniciais são “modificadas e transformadas”, adequando-se a novas finalidades¹⁰. É o que acontece com o Animalismo, os mandamentos vão adequando-se aos novos objetivos dos porcos, que representam os intelectuais, tornando-se desfavoráveis aos demais animais. Vejamos cada mudança da ideologia original.

A primeira, seguindo a ordem dos acontecimentos da história, é a modificação na premissa quatro quando os porcos passam a morar na casa de Jones e dormir confortavelmente em camas, um dos privilégios que aos poucos vão conferindo a si apenas, não se estendendo aos outros animais.

“Maricota”, pediu, “leia para mim, por favor, o Quarto Mandamento. Não diz qualquer coisa de nunca dormir em camas?”

Com alguma dificuldade, Maricota soletrou o mandamento:

“Diz que ‘Nenhum animal dormirá em cama *com lençóis*’.”

Curioso, Quitéria não se recordava dessa menção a lençóis no Quarto Mandamento.¹¹

A segunda ocorre quando Napoleão ordena a morte de alguns dos outros animais, sob o argumento de que havia traidores. Um dos momentos em que estão claras, além da alteração

⁸ OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39.

⁹ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 25.

¹⁰ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985, p. 162.

¹¹ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 58.

ideológica, a manipulação e a coerção: “Poucos dias mais tarde, quando já amainara o terror causado pelas execuções, [...] ela [Quitéria] procurou Maricota, que leu para ela o Sexto Mandamento. Dizia: “Nenhum animal matará outro animal *sem motivo*”.”¹².

A terceira verifica-se quando os porcos começam a ingerir álcool. Atividade que todos os animais consideravam abomináveis, pois o “Animalismo” é uma ideologia contrária a dos humanos, então nada mais natural que não partilhar de objetos ou atividades destes. No entanto, o Quinto Mandamento é subvertido. Nota-se ainda que Napoleão, o líder, é privilegiado bebendo uma quantidade maior que os outros. “Todos pensavam que o Quinto Mandamento era “Nenhum animal beberá álcool”, mas haviam esquecido duas palavras. Na realidade, o mandamento dizia: “Nenhum animal beberá álcool *em excesso*”.”¹³.

A quarta é a surpreendente alteração prática na premissa referente à essência do Animalismo. Os porcos começam a andar sobre duas pernas, cada vez mais distantes da concepção original pela qual todos lutaram. “Mas exatamente nesse instante, como se obedecessem a um sinal combinado, as ovelhas, em uníssono, irromperam num balido espetacular: “Quatro pernas bom, duas pernas *melhor!* Quatro pernas bom, duas pernas *melhor!* Quatro pernas bom, duas pernas *melhor!*”.”¹⁴.

A quinta mudança ratifica todas as outras. A ideologia agora vigente é completamente desfavorável aos demais animais, que comem cada vez menos e trabalham cada vez mais. O princípio da igualdade já não existe.

Pela primeira vez Benjamim consentiu em quebrar sua norma, e leu para ela [Quitéria] o que estava escrito na parede. Nada havia agora senão um único Mandamento que dizia:

TODOS OS BICHOS SÃO IGUAIS, MAS
ALGUNS BICHOS SÃO MAIS IGUAIS QUE OUTROS¹⁵

Por fim, a sexta mudança na ordem cronológica é a da premissa das roupas, marcando acentuadamente a “desanimalização” dos porcos que não só nos gestos e hábitos, mas agora até nas vestimentas deixam visível a mudança ideológica, marcada pela alteração gradual de cada mandamento.

Não estranharam quando Napoleão foi visto passeando nos jardins da casa com um cachimbo na boca — não, nem quando os porcos se apoderaram das roupas do sr. Jones e passaram a usá-las, Napoleão apresentando-se com um casaco negro, calções de caça e

¹² ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 75.

¹³ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 88.

¹⁴ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 106.

¹⁵ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 106.

perneiras de couro, enquanto sua porca favorita surgia com um vestido de seda chamalotado que a sra. Jones usava aos domingos.¹⁶

Por mais simples que pareça cada uma das mudanças são elas que juntas ruem a ideologia inicial favorável a todos os animais, o Animalismo. O próprio Orwell evidencia essas mudanças em itálico, narrando em outro momento um episódio que deixa implícito que os acréscimos são escritos por Garganta, uma das figuras centrais para a manutenção da ideologia. Garganta representa na fábula os meios de comunicação, a propaganda. Apesar de não assumir cargo de liderança política, contribui efetivamente para que Napoleão permaneça no "poder" através da conquista do consentimento pelo discurso.

De início, antes da revolução, o texto apresenta uma descrição curiosa de Garganta que já prenuncia o seu papel:

Dentre estes, o mais conhecido era um porquinho gordo chamado Garganta, de bochechas redondas, olhos sempre piscando, movimentos lépidos e voz aguda. Manejava a palavra com brilho, e quando discutia algum ponto mais difícil tinha o hábito de dar pulinhos de um lado para outro e abanar o rabicho, uma coisa bastante persuasiva. Diziam que Garganta era capaz de convencer de que preto era branco.¹⁷

Inclusive, o texto deixa implícito que Garganta é o responsável pela alteração escrita dos Mandamentos. Evidência de seu papel relacionado à instituição dos meios de comunicação de massa, tidas por Gramsci como uma das três responsáveis por difundir a ideologia dominante.

Mais ou menos, nessa época, aconteceu um incidente que nenhum dos bichos pôde compreender. [...] Ao pé da parede do fundo do celeiro, na qual estavam escritos os sete mandamentos, encontraram uma escada quebrada em dois pedaços. Garganta, momentaneamente aturdido, jazia estatelado junto a ela, tendo ao lado uma lanterna, uma broxa e uma lata de tinta branca entornada.¹⁸

Em vários momentos a personagem atua para conseguir o consentimento dos animais e colocar os acontecimentos sob a ótica favorável para Napoleão, exemplificando claramente a máxima de que a imprensa não apresenta os fatos, mas a sua versão sobre os fatos¹⁹. Note-se, por exemplo, no trecho abaixo a escolha linguística "foi mandado", evidenciando o controle, provavelmente de Napoleão, sobre "os meios de comunicação":

Mais tarde, Garganta foi mandado percorrer a granja para explicar a nova situação aos demais.
"Camaradas", ele disse, "tenho certeza de que cada animal compreende o sacrifício que o Camarada Napoleão faz ao tomar sobre seus ombros mais esse trabalho. Não pensem, camaradas, que a liderança seja um prazer. Pelo contrário, é uma enorme e pesada

¹⁶ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 107.

¹⁷ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 19.

¹⁸ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 88.

¹⁹ OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39.

responsabilidade. Ninguém mais que o Camarada Napoleão crê firmemente que todos os bichos são iguais. Feliz seria ele se pudesse deixar-vos tomar decisões por vossa própria vontade, mas às vezes poderíeis tomar decisões erradas, camaradas; e então, onde iríamos parar?"²⁰

Esse consentimento pelo discurso é combinado com a força coercitiva presente nas figuras dos cachorros criados por Napoleão justamente para esse fim. Isso é bem perceptível no momento em que logo antes de Garganta ser enviado para persuadir os animais no trecho acima, ainda na expulsão de Bola-de-Neve e tomada da liderança por Napoleão, alguns porcos tentam protestar, mas são logo silenciados:

Quatro jovens porcos [...], soltaram altos guinchos de protesto e levantaram-se, falando a um só tempo. Mas os cachorros, junto de Napoleão, deram um rosnado fundo e ameaçador, e os porcos calaram-se, sentando-se de novo.²¹

Outro momento bem forte do livro relacionado à coerção é quando Napoleão reúne os animais e, sob o argumento de que alguns eram traidores aliados de Bola-de-Neve, utiliza os cachorros para matá-los na frente de todos: "Ao fim da confissão, os cachorros estraçalharam a garganta dos quatro [porcos], e Napoleão, com uma voz ameaçadora, perguntou se algum outro animal tinha qualquer coisa a confessar."²²

Apoiando-se em Gramsci, a aceitabilidade da ideologia imposta sobre os animais, no caso, a ideologia das premissas distorcidas, tem sua explicação na questão intelectual. Pontuando como sendo as duas consciências, representadas em Sansão, o cavalo, sua consciência implícita, ou seja, a prática, o fazia resignar-se a trabalhar, como em toda sua vida animal. Porém, todos possuem a outra consciência, no caso, a teórica, ou verbal, sendo esta mais forte, mas que somente através de abstrações intelectuais é que pode fundir-se com a anterior para que forme novas visões de mundo. A união das duas não era possível em Sansão, devido a sua ignorância e resignação ao que lhe era imposto ou apregoadado.

Na teoria gramsciana, a não união das duas consciências, isto é, a contrariedade destas, torna o indivíduo passivo às influências diretamente verbais, assumindo assim a parte teórica imposta. Sansão, por não ser um dos intelectuais, não pôde alcançar o senso crítico, resultado da união de consciências, ficando somente no senso comum. Em suma, "a contrariedade da consciência não permite nenhuma ação, nenhuma escolha e produz um estado de passividade moral e política"²³,

²⁰ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 49.

²¹ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 48.

²² ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 70.

²³ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 21.

desta forma, Sansão, representando a ignorância da classe não intelectual dos bichos, não teria como recusar a ideologia em que se encontrava.

Outro ponto que fortalece o exemplo é o fato de que os animais, exceto os porcos, não conseguem aprender a ler e escrever, o que facilita a aceitação passiva da ideologia vigente e a falta de “senso crítico”.

Quitéria aprendeu todo o alfabeto, mas não conseguia juntar as letras. Sansão não foi capaz de ir além da letra D. [...] É verdade que em várias ocasiões aprendeu E, F, G, H, mas ao consegui-lo descobria sempre que havia esquecido A, B, C, D. [...] Nenhum dos outros animais da Granja chegou além da letra A. Notou-se também que os mais estúpidos, tais como as ovelhas, as galinhas e os patos, eram incapazes de aprender de cor os Sete Mandamentos.²⁴

Gramsci (1995) também pontuou que para que uma ideologia fosse fortalecida, eram necessárias duas coisas: uma delas era a repetição e a outra era a elitização. A repetição mencionada se trata das ovelhas, que com intuito de abafar ou de suprimir os protestos e as discordâncias das máximas passadas por Napoleão, colocavam-se a repetir em coro alto e unísono o jargão “quatro pernas bom, duas pernas ruim!”, que mais tarde se tornou “quatro pernas bom, duas pernas melhor!”.²⁵ Podemos citar também a repetição de Garganta que sempre finalizava seus argumentos nas ocasiões mais difíceis com a possibilidade da volta do Sr. Jones, o que era extremamente repulsivo aos animais.

A criação de elites nada mais era do que a educação ideológica passada a partes consideráveis dentre a massa. Ora, em *A revolução dos Bichos* esta parte é representada pelos porcos, que surgem “diretamente da massa e que permanecem em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos”.²⁶: os porcos que observavam e fiscalizavam o trabalho dos demais animais, e na figura central de Garganta repousava a intelectualidade, que pela consciência teórica (verbal) mantinha os animais, não-intelectuais, no senso comum.

Como complemento a esta abstração, cabe claramente a citação da criação da escola dos porcos, em que se estabilizaria o prosseguimento da hegemonia vigente sob o domínio de Napoleão. A ideia da escola veio após o nascimento de trinta leitões, “construiriam uma escola no jardim da casa. Por enquanto os leitões seriam instruídos pelo próprio Napoleão, na cozinha”.²⁷

²⁴ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 31-32.

²⁵ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 106.

²⁶ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 27.

²⁷ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 91.

3.1 BAKHTIN – LÍNGUA E DIALOGISMO DISCURSIVO

Mikhail Bakhtin (1895-1975) foi teórico da linguagem e crítico literário. Para este artigo, convém apontar e explorar dois aspectos da teoria bakhtiniana: língua como instrumento ideológico e dialogismo discursivo.

A língua, segundo o teórico russo, constitui um código semiótico por meio do qual se materializam diversas ideologias. As palavras “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”²⁸. Expressar-se verbalmente, pois, vai muito além da concatenação de elementos gramaticais como fonemas, morfemas e sintagmas ou da capacidade individual para o uso da linguagem.

A língua está submetida às condições materiais e históricas de produção. O alicerce ideológico do bloco histórico, a superestrutura, está submetido a essas condições. Portanto, se a língua é ideológica por natureza, é possível inferir que tanto a língua quanto a ideologia estão sujeitas às mudanças sociais preconizadas pelo materialismo dialético.

O signo linguístico é uma arena na qual diferentes índices de valor estão em jogo. A burguesia e o proletariado, cada um à sua maneira, tentam impor seus valores sobre o código semiótico (língua) de um bloco histórico. Trata-se de uma luta de classes. Uma luta valorativa a dar dinamismo aos signos. Qualquer mudança na superestrutura pode acarretar mudanças linguísticas, pois – convém insistir – a palavra está revestida de conteúdo ideológico. Bakhtin corrobora tal fato: “a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais.”²⁹

Bakhtin foi um grande crítico do estruturalismo e do polo formalista da linguística, cujos preceitos foram preponderantes no início do século XX. Para o teórico russo, analisar a língua como estrutura homogênea e pouco maleável era apenas uma abstração incapaz de explicar o funcionamento da linguagem. Além disso, “A separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato.”³⁰

Dessa forma, pode-se encaixar o pensamento de Bakhtin no chamado polo funcionalista da linguística. O autor, com base no materialismo dialético de Marx, concebe a língua como um instrumento indissociável do contexto comunicativo. A luta de classes, além de mover a história, implica mudanças linguísticas. A língua, para ele, é um espaço de disputas ideológicas.

²⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 41.

²⁹ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 41.

³⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 96. Observação: o autor se refere ao estruturalismo com a denominação de objetivismo abstrato.

O segundo aspecto da teoria bakhtiniana que convém explorar é o dialogismo discursivo. Para compreender tão relevante conceito, é necessário entender, em linhas gerais, a ideia de enunciado, unidade básica e norteadora das análises linguísticas para o autor.

Por vezes, confunde-se enunciado com sentença (ou oração). Ambos se formam por meio de arranjos morfossintáticos capazes de transmitir uma mensagem, porém há uma diferença significativa: o enunciado é sempre estudado em função do contexto comunicativo. A sentença, objeto de estudo comum ao polo formalista da linguística, é analisada, ordinariamente, em função dos elementos estruturais (fonemas, morfemas, sintagmas, etc.) e do significado. O enunciado é analisado em função do momento histórico, da relação social entre locutor e interlocutor e do sentido. Importa aos funcionalistas estabelecer fatores como local, época, locutor, interlocutor, intenções pragmáticas, etc.

Segundo Flores, o enunciado "é a unidade mínima da comunicação discursiva e um elo entre vários enunciados; por isso, preserva ressonâncias de diferentes dizeres ao mesmo tempo em que antecipa outros."³¹ Bakhtin acrescentou que o dialogismo discursivo é uma propriedade dos enunciados: a enunciação não é uma unidade isolada e monológica, "mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo"³².

Em que consiste tal diálogo? Consiste no fato de que o enunciado/discurso, por ser revestido de conteúdo ideológico e social, dialoga com outros enunciados/discursos: tanto anteriores, quanto posteriores. O locutor não "cria" a ideologia presente no seu enunciado/discurso; ela, na verdade, já estava presente em enunciados/discursos anteriores. Além disso, um enunciado pode alicerçar futuros enunciados³³.

O diálogo existe, com maior ou menor evidência, em praticamente todas as modalidades de gêneros discursivos. Por exemplo, numa conversa rotineira, o diálogo é bem evidente. Cada enunciado, munido de discurso e ideologia, implica uma reação no interlocutor, que pode contestar ou confirmar o que foi dito ou até mesmo omitir uma resposta. Um texto científico não foge à regra. Tal modalidade dialoga com outros estudos científicos, confirmando-os ou contestando-os. O locutor/escritor, nessa situação, ao utilizar um vocabulário técnico e seletivo, conjectura um

³¹ FLORES, Valdir do Nascimento. *Dicionário de linguística e enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 99.

³² BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 146.

³³ FLORES, Valdir do Nascimento. *Dicionário de linguística e enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

destinatário de traços mais específicos. Também se trata de um diálogo. Até mesmo os enunciados mais monológicos possuem tal propriedade³⁴.

3.1 LÍNGUA E DIALOGISMO EM A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Conforme mencionado, *A Revolução dos Bichos* é uma fábula na qual os animais da fazenda do Sr. Jones depõem seu dono e dominam o local. Os porcos, figuras centrais, preconizam, no início, uma sociedade autônoma e igualitária, mas, no decorrer da história, abusam do poder e da dominação para benefício próprio. Em termos gramscianos, o bloco histórico de Jones ruiu, devido à falta de consenso ideológico, e deu lugar ao bloco histórico dos porcos, cujo consenso ideológico foi mantido pelos discursos persuasivos e vis de Garganta. O novo regime fracassou economicamente e se tornou tão autoritário quanto o anterior dos humanos.

O livro, escrito na primeira metade do século XIX, representa alegoricamente o fracasso a que estava fadado o regime socialista da União Soviética. O autor, George Orwell, o deixa bem claro no posfácio:

Pensei em denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas. (...) Percebi então que, se aqueles animais adquirissem consciência de sua força, não teríamos o menor poder sobre eles, e que os animais são explorados pelos homens de modo muito semelhante à maneira como o proletariado é explorado pelos ricos.³⁵

Os dois aspectos da teoria bakhtiniana abordados neste artigo – língua como instrumento ideológico e dialogismo discursivo – são bem evidentes. A Igreja foi alegoricamente representada por um corvo:

Muito mais ainda lutaram os porcos para neutralizar as mentiras espalhadas por Moisés, o corvo doméstico. Moisés, mascote do sr. Jones, era um espião linguarudo, mas também de boa conversa. Afirmava a existência de uma região misteriosa, a Montanha de Açúcar-Cande, para onde iam os animais após a morte. Essa montanha ficava em algum lugar no céu, pouco acima das nuvens, segundo Moisés. Na Montanha de Açúcar-Cande, os sete dias da semana eram domingos, o ano inteiro era época de trevo, e as sebes davam torrões de açúcar e bolinhos de linhaça. Os bichos detestavam Moisés, porque vivia de histórias e não trabalhava, porém alguns acreditavam na Montanha de Açúcar-Cande, e os porcos travaram grandes discussões para convencê-los de que esse lugar não existia.³⁶

³⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

³⁵ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 113.

³⁶ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 20.

Os dois aspectos bakhtinianos podem ser explorados ao mesmo tempo no trecho acima³⁷. Observe-se o corvo. Um animal que não trabalhava, vivia defendendo o patrão, Jones, e a existência de um paraíso para o qual todos aqueles animais, em estado sofrível, haveriam de ir. Trata-se de uma alegoria da Igreja Ortodoxa Russa. O clero, antes da Revolução Socialista, estava do lado da burguesia e se utilizava, segundo os socialistas, de preceitos religiosos para manipular a população. O local paradisíaco defendido pelo corvo é, na verdade, o céu bíblico. A fala do corvo materializa uma ideologia religiosa e seu discurso dialoga com o discurso da Igreja Russa.

Observem-se agora os porcos. Depuseram o corvo (igreja) e Jones (estado) e preconizavam um regime autônomo e igualitário. Trata-se de uma alegoria dos socialistas. Estes, depois que depuseram o czar, na Revolução Russa, estabeleceram um estado ateu. A Igreja Ortodoxa Russa, por estar social e ideologicamente ligada às classes dominantes, era considerada uma ameaça ao novo regime. A fala dos porcos materializa uma ideologia reacionária e seu discurso dialoga com o discurso dos socialistas.

Passou-se o tempo, e a fazenda encarava dificuldades econômicas. A comida ficou escassa, e a vida mais dura. Garganta, porco responsável por propagar uma boa imagem de Napoleão, tinha de “acalmar” os outros animais:

De qualquer maneira, não teve dificuldade de provar aos outros bichos que na realidade eles não sentiam falta de comida, a despeito das aparências. Naquele momento, de fato, fora necessário realizar um reajuste das rações (Garganta sempre se referia a 'reajustes', nunca a 'reduções').³⁸

Bakhtin afirmou, categoricamente, que mudanças na estrutura social acarretam mudanças na língua (1999). O trecho acima mostra uma tênue, porém significativa, mudança na língua. No regime dos porcos, não havia *redução* de comida, como nos tempos de Jones, mas um *reajuste*. A troca desta palavra por aquela tem fins práticos: amenizar os efeitos da crise. Falar de *redução* deixaria os outros animais preocupados; conveio, pois, falar apenas de *reajustes*. Note-se que um mesmo fato, dificuldade econômica, é visto de perspectivas distintas em cada bloco histórico.

É possível apontar, inclusive, a existência de polifonia. Alguns personagens detêm a “voz” de figuras históricas conhecidas. O porco conhecido como velho Major foi inspirado em Karl Marx. No posfácio:

³⁷ Convém deixar claro que, no uso real da língua, ideologia e dialogismo são inseparáveis. Explicá-los separadamente é apenas uma abstração com fins didáticos.

³⁸ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 90.

O velho Major analisa a vida de provação e sacrifício dos animais, conclama todos a derrubar seus opressores e pinta um quadro de um futuro radioso baseado no princípio da ajuda mútua e da prosperidade. (...) Em seguida morre, mas a mensagem arrebatadora dessa figura inspirada em Marx logo é adotada pelos porcos mais cultos, a *intelligentsia* do mundo animal.³⁹

Os porcos Napoleão e Bola-de-Neve são inspirados, respectivamente, em Stálin e Trotsky, segundo o posfácio do livro. Após a queda do regime de Jones, Napoleão e Bola-de-Neve tornaram-se os líderes da fazenda, mas pouco tempo passou até que este fosse exilado e perseguido tal qual fora Trotsky perseguido por Stálin. O regime de Napoleão, aos poucos, foi deturpando as ideias originais do animalismo, assim como o regime de Stálin se distanciou muito das ideias originais do marxismo.

4 CONCLUSÃO

A Revolução dos Bichos contribui para a compreensão dos preceitos marxistas de Gramsci e Bakhtin. Aplica-se facilmente à fábula conceitos como bloco histórico, infraestrutura, superestrutura, língua como instrumento ideológico e dialogismo discursivo. As teorias dos autores também se inter-relacionam.

A noção dos blocos históricos explica as causas do auge e da decadência de cada regime por que passou a fazenda idealizada por George Orwell. O primeiro regime, encabeçado por Jones, ruiu porque não havia, entre ele e os animais, um consenso ideológico. Já o segundo, encabeçado por Napoleão, conseguiu se manter, não obstante as instabilidades. O novo líder conseguiu um consenso ideológico por meio da manipulação e da coerção.

A concepção de língua como instrumento ideológico e o dialogismo discursivo se manifestam de maneira explícita. Os porcos, figuras de maior poder intelectual entre os animais da fazenda, utilizam a língua para materializar sua ideologia socialista. Além disso, o discurso por eles utilizado está em constante diálogo com o de personagens históricas do socialismo tais como Stálin e Trotsky.

Por fim, é possível inferir a grande inter-relação dos preceitos gramscianos e dos bakhtinianos, principalmente no que concerne à ideologia. Por exemplo, um dos alicerces do bloco histórico de Gramsci, a superestrutura, concentra os valores e a ideologia dominantes, cuja materialização, segundo Bakhtin, se dá por meio da língua.

³⁹ ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 116.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Dicionário de linguística e enunciação*. [organizadores Valdir do Nascimento Flores et al.]. São Paulo: Contexto, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. [tradução de Carlos Nelson Coutinho]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. [tradução de Carlos Nelson Coutinho]. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.